

Dignidade humana e paz: jogando luz sobre os porões

Pe. Virgílio Leite Uchôa*

A NOSSA REFLEXÃO gira em torno do tema da Campanha da Fraternidade – versão 2000. É uma campanha em tudo original. Desde 1964, a Igreja Católica vem realizando as Campanhas da Fraternidade como um momento forte de evangelização por ocasião da Quaresma.

As campanhas, inicialmente, giravam em torno de temas que diziam respeito à renovação interna da Igreja. Vivia-se a fase do Concílio Vaticano II. A caminhada da Igreja em renovação, contudo, despertou a consciência forte do compromisso da fé com a vida humana, particularmente com todas as vítimas das exclusões.

A vida humana vista na sua totalidade e os desafios de um país como o nosso, inserido num continente empobrecido e marcado pelas desigualdades e injustiças sociais, empurraram o processo renovador para as áreas da compaixão e do compromisso. Quem se dá ao trabalho de percorrer os temas da Campanha, particularmente depois de 1970, perceberá que, definitivamente, ela se torna uma fonte de luz sobre o viver em nosso país. Predominam, então, os temas ligados à nossa realidade, cheia de contrastes, em que medram injustiças, exclusões, discriminações e pobreza.

A originalidade da Campanha 2000 não está tanto no tema proposto – Dignidade Humana e Paz – e nem mesmo no lema – Novo Milênio sem Exclusões. Ela está especialmente em dois focos principais.

A vida humana vista na sua totalidade e os desafios de um país como o nosso... empurraram o processo renovador para as áreas da compaixão e do compromisso.

* Assessor político da CNBB.

O primeiro raio de luz é o fato de ser essa uma Campanha Ecumênica, ou seja, preparada e realizada sob os auspícios do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs – Conic, do qual também católicos participam.

O segundo elemento iluminador é, talvez, a principal novidade. É o primeiro passo do ecumenismo em ato. É comovente ouvir o relato de como foi a abertura da Campanha em alguns lugares.

Em Curitiba, a abertura da Campanha começou em frente à Catedral Basílica Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, na Praça Tiradentes. De lá seguiu, em caminhada, para a frente da Igreja Presbiteriana Independente, no Largo da Ordem. Nos dois locais, bispos e pastores refletiram sobre a Palavra de Deus proclamada, enfatizando a urgência de as Igrejas cristãs se unirem em torno do compromisso comum de construção do Reino, pelo trabalho permanente de transformação do mundo. (PERSEGNANI, 2000, p. 2)

A caminhada continuou. A ela se agregaram os que estavam no culto na Igreja Presbiteriana, seguindo em direção ao Ginásio do Colégio Luterano. “O ponto alto dessa etapa da celebração foi, sem dúvida, a Oração do Pai-Nosso, a oração ensinada pelo próprio Cristo aos discípulos e que une as igrejas cristãs”.

Todos se deram as mãos “procurando expressar, dessa forma, a fraternidade que deve unir os que crêem no mesmo Deus e no mesmo Salvador”. “Um gesto pequeno, simples, aparentemente insignificante, mas que, por isso mesmo, pode chegar ao Pai”.

Em muitos outros lugares, certamente, aconteceu algo semelhante. Isso mostra como a própria maneira de iniciar e realizar a Campanha da Fraternidade, por si mesma, projeta uma nova orientação para as igrejas em nosso país e no mundo.

Nossa realidade e nossa cultura estão fortemente marcadas pela desigualdade social, pela força discriminatória do dinheiro e pela ganância das leis de mercado. Tragados pela força do consumismo, estamos carentes de gestos de generosidade e altruísmo, ao mesmo tempo em que somos esmagados pelas dificuldades de sobrevivência.

A crescente desigualdade social e o aumento da distância entre ricos e pobres – frutos da forte concentração da riqueza nas mãos de poucos – não são apenas questões quantitativas. São, isto sim, desafios que tocam na qualidade de vida e na sobrevivência de todos e de cada um.

É urgente, assim, um novo discernimento ético envolvendo todas as expressões culturais das religiões, inclusive o cristão. A

gravidade da questão, enfim, requer o envolvimento de todas as pessoas de boa vontade.

Dignidade Humana e Paz, superação de todas as exclusões e discriminações não podem mais ser preocupação exclusiva de uma igreja determinada, de grupos religiosos ou políticos. Nem mesmo assunto só afeito a pessoas de boa vontade.

Quase sempre os cristãos, as religiões e as pessoas de boa vontade se organizam a favor do bem, criando barreiras sectárias, alicerçadas em rígidos pseudoprincípios doutrinários. As mais belas iniciativas acabam tornando-se disputas institucionais ou manifestações de prestígio ou poder. Não raras vezes tornam-se ideologias bem distantes dos desafios a serem enfrentados.

Daí porque a questão do ecumenismo em ação ser hoje um processo em busca da verdade e da unidade com um novo marco referencial. Não se trata apenas de um caminho a ser percorrido entre os cristãos, mas também um envolvente diálogo entre as expressões religiosas e expressões culturais de boa vontade que ainda restem no seio da humanidade.

Trata-se, antes de tudo, de um diálogo marcado pela busca da sobrevivência de toda a humanidade, fortemente ameaçada pela atual globalização, sem os critérios e sem a ética de um sadio humanismo solidário.

Em outras palavras, é importante destacar essa nova luz que se projeta sobre os porões da fraternidade solidária a ser construída: o ecumenismo em ação, mesmo que nessa matéria ainda estejamos engatinhando. Uma longa caminhada sempre começa por um primeiro passo, por mais insignificante que ele possa ser. Essa é a grande novidade da Campanha da Fraternidade 2000.

Em tempos de globalização econômica, em que tudo é marcado pelo interesse e pela ganância em proporções universais, em que o dinheiro e o mercado são as molas mestras dos interesses vitais, não são poucos os obstáculos aos primeiros passos e aos subseqüentes.

A Campanha da Fraternidade 2000 é uma excelente oportunidade para se avaliar o obstáculo número um: existe, de fato, na base das decisões humanas um verdadeiro ecumenismo? Há vontade e motivações sinceras iniciando um novo processo de convivência humana? Ou as nossas ações transformadoras continuarão a ser pontuais e imediatistas, sem abrangerem as dimensões que os desafios à sobrevivência humana colocam diante de nós?

nova luz que se projeta sobre os porões da fraternidade solidária a ser construída: o ecumenismo em ação, mesmo que nessa matéria ainda estejamos engatinhando.

É claro que as exclusões aí estão diante de nossos olhos e não podem ser esquecidas.

Conhecer a fundo a realidade da vida humana em nosso país e os seus porões será sempre fundamental para quem quiser eficazmente agir.

A proposta da CF-2000 coloca-nos de frente com a dura realidade dos porões da vida em três níveis diferentes: o que não aparece, o que salta aos olhos e o que é tramado nos bastidores. O conhecimento profundo do que se passa nesses três níveis é fundamental para ativar o nosso compromisso de ação. Não faria sentido conhecer a realidade se não fosse o desejo sincero de modificá-la. O texto-base é um constante apelo à ação eficaz e solidária.

Importa, porém, e esse é o limite desta reflexão, destacar como tema das nossas discussões a construção da Dignidade Humana e da Paz, a urgente necessidade do aprendizado e do exercício da tolerância, da convivência, como gesto maior acima das diferenças.

A complexidade e a diversidade dos atores é hoje de tal ordem que mesmo os apelos mais provocativos da realidade podem ser inúteis se uma verdadeira revolução não acontecer nas atitudes de relacionamento tolerante, de modo permanente e eficaz. O problema da humanidade hoje ou se resolve no todo ou não se resolve.

O objeto da presente reflexão quer enfatizar algo ainda não suficientemente elaborado ou proposto. Importa discutir as proporções e os rumos que devem tomar os atores de uma mudança mais profunda, capaz de lançar raízes para conseguir uma nova humanidade.

A análise das estruturas e dos fatos mais marcantes das exclusões humanas será sempre frustrante se, ao mesmo tempo, não estiver sendo colocada em prática uma nova maneira de ser dos atores humanos em ritmo de uma solidariedade humana globalizada, apesar das diferenças.

Em outras palavras, o caminho para superar as exclusões não passa pelas diferenças que sempre nos separaram, mas pelo muito que nos une de fato dentro do próprio processo de estarmos juntos na ação, em face dos desafios das exclusões.

O texto-base apresenta uma citação que dá o tom dessa novidade. “A injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em qualquer lugar”. “Temos de aprender a viver juntos como irmãos ou pereceremos juntos como loucos”.¹

A injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em qualquer lugar. Temos de aprender a viver juntos como irmãos ou pereceremos juntos como loucos.

¹ São afirmações do grande líder negro Martin Luther King. Cf. Texto-Base CF-2000 Ecumênica, Ed. Salesianas, p. 17.

A presente reflexão, portanto, pretende ser, aproveitando a temática da CF-2000, uma luz que mostre os caminhos de um ecumenismo bem mais amplo e urgente.

CAMINHOS PARA UM NOVO ECUMENISMO EM ATO

² Cf. “Busca pela Fé”, **Folha de S. Paulo**, 26/12/99, Cad. Especial, 16p.

³ Segundo artigo inédito de amigos italianos do Mosteiro da Anunciação, Goiás, GO. Notas enviadas por Pe. Marcelo Barros.

O fato religioso² está na ordem do dia. As crises da sociedade moderna despertam os adormecidos interesses para o “sentido da vida e as exigências de solidariedade”.³ O ressurgir religioso pode nos livrar das tragédias e dos flagelos de hoje. A miséria de muitos e a riqueza de poucos são um escândalo. Pensávamos estar abolidas as guerras e elas estão aí. As depressões, as drogas, os ídolos, a violência estão mais vivos do que nunca. O fanatismo nazista e xenófobo está cada vez mais presente em muitos lugares e mostrou a sua cara, recentemente, na Áustria.

Outra constatação constrangedora: as grandes religiões se organizaram umas contra as outras. Tudo isso em nome de absolutos dogmas ou intransigentes atitudes, desconhecendo a rica experiência religiosa do outro.

A verdadeira revolução do diálogo significa semear iniciativas de solidariedade, diante das incertezas e desesperos da vida presente do mundo moderno. Quem espera uma verdade maior que todos nós pode compreender o diálogo. Torna-se assim capaz “de comunicar aquilo que crê ser belo e justo”.⁴

O diálogo é uma verdadeira revolução. Mesmo que existam desconfianças e perplexidades, é urgente acreditar que são muito amplos os espaços operativos “nos quais podemos concordar no servir a Deus e aos homens”.⁵

O mundo moderno é muito afeito à imagem e ao espetáculo. A mídia se encarrega de potencializar aspectos absolutamente secundários, mas que chamam a atenção e vendem imagens. A luta entre duas pessoas e os fatos conflituosos adquirem muito espaço na comunicação. Duas pessoas que conversam e procuram se entender quase nunca é noticiado. Muito menos se relata sobre o que discutem e falam.

O diálogo na sua plena realização é não-violento e invisível. É a revolução não-violenta caracterizada pela força que essa palavra tem junto àquele que foi o seu apóstolo, o Mahatma Gandhi. Ele a entendia como “a força da verdade” e não apenas como a coexistência pacífica. É mediante essa maneira de agir que nas-

⁴ Cardeal M. MARTINI, Arcebispo de Milão, texto inédito.

⁵ PAPA JOÃO PAULO II. É um dos temas mais inovadores da teologia católica: “é dever da Igreja – há declarado – glorificar a Deus pelos raios de verdade com os quais atinge os seus filhos em todas as latitudes da terra. É a grande intuição dos novos pensadores católicos, segundo os quais Deus oferece a sua salvação também mediante outras religiões. Disso se falará muito no século no qual estamos entrando” (**La Repubblica**, 22/12/99).

cem as redes de intercomunicação, as amizades, as revistas e, sobretudo, as ações comuns de solidariedade, diante dos desafios colocados à sobrevivência da humanidade.

Em vez de discussões estéreis sobre verdades ou pontos de vistas absolutos, dão-se as mãos, em gesto simbólico, e se espera e crê no dom de uma verdade maior. A preocupação maior passa a ser não a de ter certezas definitivas e a de ser superior ao outro, mas a de garantir a comunhão e fortalecer a solidariedade para superar as contradições das exclusões.

O recente acordo entre o Vaticano e o Presidente da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, abre a prática de caminhos de diálogo, inclusive com repercussões não estritamente religiosas. O acordo firmado permite livre acesso e atividades dos cristãos no espaço palestino, bem como reforça a idéia da garantia do caráter religioso e internacional da cidade de Jerusalém.

A paz entre israelenses e palestinos pode estar mais próxima, caso se entenda o alcance do gesto de João Paulo II em face da comunidade palestina. O recado foi claro, forte e histórico: “a paz na Terra Santa deve se basear nas resoluções da Organização das Nações Unidas (ONU) e o *status* de Jerusalém deve ser garantido internacionalmente, sem mudanças unilaterais” (POLITI, 2000, p. 7).

Essa atitude afirmativa da diplomacia vaticana, capitaneada por João Paulo II, traz e trará importantes desdobramentos. Com esse acordo, “o futuro Estado Palestino assume o compromisso de apresentar ao mundo um modelo positivo de relacionamento entre muçulmanos e cristãos” (POLITI, 2000, p. 7).

Tornou-se claro o empenho das partes para observar os direitos universais da liberdade de fé e de consciência e superar toda e qualquer discriminação. Tal atitude, como se pode observar, marca uma linha de atuação internacional bastante significativa na construção da paz e na superação dos conflitos, particularmente no que diz respeito ao direito das minorias. Nessa perspectiva, pode-se entender também o fato de terem sido recebidos, recentemente, no Vaticano os representantes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – FARC (PURVINI, 2000, p. 1-18).

A recente viagem de João Paulo II ao Egito e agora a Israel e a cerimônia do pedido de perdão são gestos de compromisso que podem ajudar a compreender essa luz nova para a superação das barreiras em direção da construção de uma sociedade verdadeiramente global, solidária e tolerante.

O gesto de pedir perdão é particularmente novo e desconcertante, pois, abala preconceitos muito comuns nas nossas instituições religiosas.

Pela primeira vez a Igreja inteira parecia ajoelhar-se não só diante do Misericordioso mas também diante do mundo (...) Os ortodoxos, os judeus, os muçulmanos, os não crentes, entre mil dificuldades de uma convivência, cheia de sangue, que, ainda hoje, marca os confins do mundo, podem se referir a um fato novo: com gesto humilde, gratuito, unilateral, o papa pediu perdão. (LERNER, 2000, p. 2)

A NOVA LUZ NOS PORÕES DA EXCLUSÃO

Até aqui foi destaque, nesta reflexão, a luz básica e fundamental sem a qual ainda continuaremos trabalhando nas nossas obras e atividades em favor das exclusões. Atitudes generosas, válidas, de curto e de longo prazo.

O novo grande passo é enxergar – diante da exclusão que perdura em nosso país e que é a realidade que menos aparece e não cabe no Brasil das estatísticas e da modernidade – é como serão as possíveis ações “com” os excluídos e “a partir” das suas lutas, organizadas ou não. Há muita solidariedade nascendo entre os movimentos populares, diferente do que até então fazem as nossas instituições. Mesmo que elas continuem válidas, como chama a atenção o texto-base⁶ da CF 2000, particularmente os números 157 a 167, há caminhos novos a serem explorados.

À luz das premissas da presente reflexão, as propostas que poderiam fazer avançar o significativamente novo, inclusive para as nossas instituições religiosas, estão esboçadas nos números 154 a 166 e 168 a 188 do texto-base.

Qual a razão dessa insistência? Trata-se de acreditar na força do diálogo popular e ecumênico a partir dos excluídos e de suas formas de luta. Depois, porque ali estão propostas mediante as quais se tenta rearticular a sociedade civil e as iniciativas democráticas.

Um grande serviço a ser prestado ao país, no presente momento da celebração dos 500 anos de sua história, é ajudar a reconstruir um projeto de nação onde a democracia e a participação sejam efetivas. Não há, infelizmente, muita discussão sobre os rumos do país no que concerne ao respeito e ao resgate da dignidade dos excluídos.

A inserção do país no mundo globalizado, particularmente

Trata-se de acreditar na força do diálogo popular e ecumênico a partir dos excluídos e de suas formas de luta.

⁶ Texto-Base, CF-2000, Ecumênica, Ed. Salesianas, p. 56-62.

nesta última década, tem sido feita de maneira equivocada. Privilegia-se o econômico em detrimento do social, reforçam-se os valores da cultura dominante da elite, que se entrosa perfeitamente com a hegemonia do dinheiro e do bem-estar da modernidade.

Caso não haja ampla iniciativa de solidariedade, nos termos colocados nesta reflexão, continuaremos a ser engolidos pelo ritmo crescente da globalização econômica, pela força do dinheiro, pela destruição da nossa identidade cultural e de nação.

Pior que tudo isso é não enxergar a luz da força da verdade dos excluídos nem ouvir e compadecer-se dos seus gemidos.

“Acautelai-vos da fúria do povo paciente e longamente sofrido!”.⁷

⁷ Palavras ditas pelo presidente da Índia, K. R. Narayanan, na mensagem televisiva por ocasião 50º aniversário do Estado constitucional indiano como República. Cf. bem como grande parte dessas informações no artigo inédito, publicado em inglês e recebido via Internet, de Immanuel WALLERSTEIN, “Povos indígenas, coronéis populistas e globalização”.

Referências

PERSEGNANI, Luiz. Fraternidade, fraternidade. In: **Voz Católica**, Informativo Mensal da Arquidiocese de Curitiba, Ano I, n. 0, mar. 2000, encarte da **Voz do Paraná**, p. 2.

POLITI, Marco. Jerusalém cidade internacional. In: **La Repubblica**, edição via Internet, 16/2/2000, p. 7.

PURVINI, Larissa. Vaticano recebe guerrilha marxista. In: **Folha de S. Paulo**, 15/2/2000, p. 1-18.

LERNER, Gad. A humildade de Wojtyła. In: **La Repubblica**, edição da Internet, 13/3/2000, p. 2.